

**Primeira parte**

**SOL MINGUANTE**

## Capítulo I

*Palacioli, Paço de Sousa, Anégia, ano 997*

*“Eis que chegou a hora!”*

Acordou abruptamente, muito antes de o sino anunciar a hora de matinas, e levantou-se com aquela convicção bem cravada no seu coração. Ouroana estava certa de que chegara finalmente o momento de cumprir a divina missão para a qual fora chamada. Da sua minúscula cela, situada na parte traseira do Mosteiro, podia ouvir perfeitamente os clamores de dor, de angústia e de espanto dos homens e das mulheres com quem partilhava a vida, e ainda os gritos de guerra entoados numa língua estranha naquela terra, mas que Ouroana tão bem conhecia – a dos seguidores de Maomé.

Também não demorou a afligir-se com o cheiro a fumo e a fogo, bem como a tossir a fuligem que entrava pela fresta dos seus austeros aposentos. Aquela imprevista luminosidade alaranjada tinha origem na igreja, onde evoluíam labaredas que rapidamente consumiam a madeira, abalando as estruturas graníticas do mosteiro dedicado a São Salvador<sup>1</sup>, em Paço de Sousa, território de Anégia, Condado Portucalense, no Reino de Leão.

*“Não... não há qualquer missão... é o fim! Valei-nos, Senhor! Perdoa-me, Cristo, todos os pecados, pois chegou a minha hora!”*, pensou, ao aperceber-se do inferno que a rodeava, enquanto vestia com urgência o seu hábito.

<sup>1</sup> Designação medieval das igrejas sob a invocação do próprio Cristo. Mais recentemente, as invocações passaram a ser feitas ao “Salvador”.

De repente, aquilo para que se havia preparado, a missão que lhe havia sido anunciada com vista à sua salvação, parecia-lhe já uma visão sem sentido.

– Afinal não era Cristo aquele homem de branco! – murmurou angustiada. Os pensamentos turvavam-se face ao ruído cada vez mais arrepiante que lhe chegava de todos os lados: os ensurdecidores brados na língua dos árabes misturavam-se com os desesperados choros e lamentos dos irmãos e irmãs do Mosteiro e com os tropéis dos cavalos em redor do edifício. A luz labarenta consumia-o, projetando sombras medonhas nas paredes. Como aquela aurora era diferente das outras da sua vida! Mas outra coisa a afligia muito mais: desvanecia-se a certeza que o seu coração detinha desde a primavera do ano anterior e com a qual acordara momentos antes.

Não foi necessário muito esforço para que dois homens magros, de tez morena, nariz adunco, barba comprida e vestidos de preto abrissem a porta da sua cela, apenas segura por um débil ferrolho de madeira. O sinal da cruz não produziu qualquer efeito mágico ou milagroso. As espadas e adagas dos sarracenos mostravam-se bem mais convincentes: rasgavam o sonho que a mobilizara até àquele lugar. Com as armas apontadas ao pescoço, o seu pensamento perdia-se, difuso, na história da sua vida. Deitara-se convicta de que era portadora de uma missão divina, acordara com a angústia da morte à frente dos olhos.

Viu-se agarrada pelos dois desconhecidos e arrastada em direção à porta e ao longo do corredor que a ligava ao acesso aos claustros. Todas as celas se encontravam já abertas. Nas que não se encontravam vazias, jaziam corpos esvaídos em sangue. Estavam mortos ou moribundos por se terem recusado a sair, terem lutado ou, sendo já velhos, liminarmente liquidados para não darem mais trabalho.

Depois de ter sido retirada pela porta principal do Mosteiro, Ouroana foi levada para junto do ribeiro<sup>2</sup> que passava nas imediações e empurrada para o lugar onde se encontravam já alguns dos trémulos companheiros de infortúnio. O terror estampava-se nos rostos que sobreviveram à pilhagem e ao aço dos musculados soldados. Foram todos postos junto à

<sup>2</sup>Referência ao atual ribeiro de Gamuz, que, na Idade Média, também se veio a designar Egamuz (supõe-se que por referência ao Paço de Egas Moniz, o aio de D. Afonso Henriques, que viveu cerca de um século depois).

margem, donde assistiram a um espetáculo hediondo. As chamas, ajudadas pelo calor que já se fazia sentir àquela hora do dia nos finais do mês de julho do ano 997, consumiam, vorazes, o edifício onde a jovem noviça entregara a sua vida. Um grande estrondo eclodiu, capaz de estancar momentaneamente a algarviada dos atacantes e de assustar, ainda mais, os aflitos clérigos. O sino da igreja acabava de ser derrubado, para gáudio de alguns exuberantes soldados que ergueram as espadas em direção ao céu, enquanto invocavam Alláh.

Alguns momentos volvidos – curtos no ciclo do tempo, mas que pareceram intermináveis para todos aqueles desprotegidos colocados ao longo do pequeno curso de água –, apareceu, montado num elegante cavalo cor de canela, vestido de finos brocados verdes e com uma *bayda*<sup>3</sup> metálica a proteger a cabeça, um homem já de idade avançada e que parecia ser o chefe daquele exército.

Ouroana olhou em redor e, ainda que por alto, contou cerca de três dezenas de cativos. Percebeu que faltariam outros tantos. Eram os mais jovens que ali se encontravam.

Soerguendo a voz, um jovem cavaleiro árabe ordenou na sua língua materna, depois de descer da montada:

– Todos de joelhos para receberem *al-sayiid* e *al-malik al-karim*<sup>4</sup> do Califado de Córdova, o grande al-Mansur!

O sangue da noviça gelou ao longo de cada uma das tensas veias e artérias. Conhecia melhor que qualquer outro cristão que ali se encontrava a fama do chefe das tropas árabes, aquele que os seguidores de Cristo consideravam o impiedoso e sanguinário Almançor. Assim se chamava por se manter invencível nas batalhas que liderara desde que assumira o comando político e militar das hostes oriundas do Califado de Córdova.

De facto, Muhammad Abiamir – o seu verdadeiro nome – ocupava, desde 978, o cargo de *hajib*, o primeiro-ministro dos Omíadas. Havia conseguido a sua primeira importante vitória como comandante militar em 977, quando invadiu com sucesso o Reino de Leão e, a partir de então, passou a aterrorizar todos os lugares por onde passava com as suas permanentes aceifas estiais. Saqueou, matou, destruiu, pilhou tudo o que encontrara pela frente, com especial gosto pela humilhação e profanação

<sup>3</sup> Casco semiesférico de proteção da cabeça.

<sup>4</sup> “Senhor e nobre rei”, título com que se autoneomeou Almançor, em 996.

dos santuários da cristandade. Concentrara em si todos os poderes, eclipsando o próprio jovem Califa Hisham II. Todavia, naquele canto mais ocidental da Península, acreditava-se que Almançor não pretendia ali voltar, por estar mais concentrado na zona central de Leão e em Castela. Estava visto que assim não era!

Ouroana estranhou a falta de reação dos monges às ordens do ginete. Só depois compreendeu que apenas ela entendia a língua dos árabes. Para não chamar a atenção sobre si, decidiu, também ela, não acatar de imediato as instruções. Mas a ordem ecoou, de seguida, em perfeita língua românico – a falada nas terras que acreditavam que Jesus era o verdadeiro filho de Deus –, oriunda daquele que detinha a missão de intérprete do exército islâmico. A reação já foi diferente: a noviça entreviu os rostos aflitos dos seus, ao perceberem quem tinham pela frente. Todos cumpriram com prontidão.

Almançor fez avançar o seu alazão até junto do primeiro dos monges ajoelhados ao longo do ribeiro e fez-se passar lentamente em frente de cada um deles. Parava junto de alguns cativos, especialmente mulheres. Com a espada, fazia-os levantar a cabeça, deixando comentários para o jovem ginete que o seguia a pé. A ponta da espada esfriou o queixo de Ouroana. Tolhida, ergueu a cabeça e viu um negro fulminante afogar o azul celeste que os seus olhos alumiam no momento. Os de Almançor cresceram de espanto, ao mesmo tempo que um misterioso sorriso se lhe desenhava no rosto. Agarrou os pelos da sua barba bem aparada com a mão esquerda e, com a direita, levantou a *bayda*. Calmamente, alisou os seus longos cabelos brancos, voltando a tapar a cabeça, e, com o dedo indicador direito, coçou uma vincada cicatriz que exibia na face. O frio metal desceu ligeiramente e acariciou demoradamente os hirtos seios da jovem indefesa que se escondiam por dentro do hábito que fora preto e branco, mas que, então, mais parecia a vestimenta de um mendigo. A fuligem, as cinzas e a poeira desfiguravam-no completamente.

A mão amarelenta do comandante árabe fez subir a espada, roçando ao de leve a orelha direita de Ouroana, até chegar a um ponto acima da sua testa. Baixou-a depois ligeiramente, fazendo-a penetrar por debaixo do véu preto que completava o seu hábito monacal. Rodou o metal até ficar com a lâmina de forma perpendicular ao topo da cabeça e, com um movimento brusco e forte, rasgou-o, permitindo que se soltasse uma longa e encantadora cabeleira loura.

– Hmmm... Que belos cabelos! Lembram-me algo ou alguém... Parecem um ondulante campo de trigo do al-Andalus! – gracejou Almançor, deixando-se enlevar pelo agradável efeito que produzia a visão daquela mulher de pele alva e brilhante. Os olhos do árabe abriram-se ainda mais e os seus lábios desceram da posição de sorriso inicial até se tornarem arredondados.

– Que o Todo-Misericordioso me perdoe!... Mas é muita beleza junta numa infiel! Será certamente uma escrava bem disputada nos mercados de Córdova para o harém de um piedoso e rico muçulmano – asseverou Almançor, ainda intrigado com a fugaz ideia de ter visto algures aquele rosto.

Atrás de si, um soldado sorriu, sardónico, enquanto manifestava um concordante aceno com a cabeça e olhava a noviça com mal contida lascívia.

As faces de Ouroana tonalizaram a raiva que lhe ardia por dentro. Não evitou uma sequência de pestanejos, nem logrou conter o descontrolo das suas batidas cardíacas. Voltou-lhe ao pensamento aquele sonho que lhe definira a sua missão. E, enquanto via Almançor e o seu sequaz prosseguirem a inspeção aos demais ajoelhados, atravessava pela sua mente um novo turbilhão de ideias e de imagens sem um sentido definido: ora se via a morrer à espada de um árabe e, esvaída em sangue, atirada ao ribeiro, ora fugia com as tropas islamitas no seu encaço, ora salvava o mundo do infiel inimigo, à frente de um exército cristão.

## Capítulo II

*Palacioli, Paço de Sousa, Anégia, ano 997*

Depois da inspeção, o general chamou para junto de si um punhado de homens que, quer pelo aparelho das montadas, quer pelo aspeto mais distinto, deveriam ter funções de comando. Apesar da distância, Ouroana conseguiu perceber pelas conversas que a missão destinada àqueles homens era seguir em direção à cidade do Portucale<sup>5</sup> e que a restante parte do exército aguardaria, a curta distância, junto a um vau do rio Sousa. Esta última assegurava a proteção dos que punham o Mosteiro de Paço de Sousa a ferro e fogo.

– Acorrentem os escravos! Seguirão a pé, na retaguarda! Destaquem-se quatro soldados para os guardarem! – ordenou, firme, Almançor.

De mãos agrilhoadas à frente do regaço e ligadas a cerca de uma dezena de cativos, o grupo de Ouroana era um dos três que, ferozmente custodiado, partia daquele cenário de terror.

O guarda que a vigiava era um soldado de meia-idade, cuja participação em muitas batalhas se denunciava pelas vincadas cicatrizes gravadas na face, na testa e no pescoço, bem como pelo ligeiro coxear da perna esquerda.

Mal a marcha foi iniciada, Ouroana presentiu-lhe um estranho sorriso por entre os dentes podres. O olhar, húmido e libidinoso, denunciava-lhe os

<sup>5</sup> Atual cidade do Porto.

pensamentos. De facto, estava convencido que havia chegado a sua sorte. E que sorte! Nunca imaginara encontrar ser tão inquietante e atraente à face da terra e logo à sua inteira disposição: apenas no Paraíso – e depois de ter participado na *Jihad* – tal lhe parecia possível.

A turba seguiu pelas margens do Sousa até se confundir com os estandartes da outra parte do exército. Atrás das três filas de cristãos agrilhoados que encerravam a comitiva, apareceu um batalhão de ginetes comandado por outro jovem esbelto, mas forte, de barba rala e aparentando cerca de vinte anos.

Ao aproximar-se das tropas estacionadas mais à frente, Ouroana percebeu a realidade: quaisquer que fossem os alvos de Almançor, só podia rezar pelas suas almas. A temível máquina de guerra cordovesa chegara àquele local, depois de destruir o Mosteiro de São Pedro de Lardosa e de sitiar o Castelo de Penafiel. Ambas as fações tomaram as posições já definidas e mais que conhecidas pelas tropas. Os três grupos de cativos, permanentemente vigiados, ocupavam uma zona marginal da falange de guerra, enquanto o sol queimava sobre as suas cabeças.

A fome e a sede começaram a apertar. O guarda fez sinal aos prisioneiros de que os levaria ao rio para beber. Fê-los sentar em círculo e percorrer depois, um a um, os cerca de cinquenta passos que separavam aquele local de um salgueiral, junto a um meandro do rio que dava proteção visual a quem lá se encontrasse. A noviça estranhou que, não sendo a última do grupo, o soldado a deixasse para o fim. Ao caminhar em direção ao rio, começou a suspeitar do seu ofegar mais acelerado e do renovado brilho no olhar.

Junto ao leito, o guarda apontou para a água e repetiu o ritual que havia cumprido com os anteriores. Como julgava que, à semelhança dos demais cativos, não seria entendido, colocou a sua mão em concha e simulou levar a água à boca.

– Bebe, infiel! – disse, ansioso, na sua língua.

Quando Ouroana apanhou a água que lhe mataria a sede atroz, o guarda tomou-lha e virou-a ao contrário. A jovem adivinhou-lhe a lascívia no cínico sorriso que se confirmou quando, pela segunda vez naquele dia, o metal de uma espada lhe atrapalhou a respiração. A tensão já não lhe permitiu compreender as palavras do agareno, ao mesmo tempo que lhe fazia sinal para se deitar:



– Vais ser minha, cabra infiel! Vou possuir-te aqui mesmo!

A sua cabeça sacudiu-se automaticamente para trás, repelida pelo cheiro repugnante que saía daquela boca de rala e apodrecida dentadura, ao mesmo tempo que na sua mente passava um rodopio de pensamentos desconexos. Preferia morrer a ser violada.

Enquanto entrevia o seu Mosteiro tornar-se um fio no horizonte, a velocidade do seu pensamento levava-a até ao sonho que a fizera acreditar que era portadora de uma missão no mundo para atingir a perfeição, a salvação e, assim, alcançar o Paraíso. Será que Deus lhe pedia que se sacrificasse, deixando a sua pureza ser trespassada pelo infiel? Pretenderia Ele que se opusesse, colocando fim à vida antes de ser violada, demonstrando ao muçulmano, através da sua autoimolação, de que têmpera e convicção são feitos os verdadeiros crentes?

No meio dessa vertigem, o árabe arrumou as suas vestes e, com vista à profanação, colocou-se por detrás de Ouroana, agarrando-a pelo pescoço. Encostou-lhe a espada ao ventre e obrigou-a a ajoelhar-se. De seguida, levou o dedo indicador ao nariz: não queria barulhos inconvenientes. A jovem sentiu, então, brotar de dentro de si uma onda de energia que a levou a lutar com todas as suas forças. Enquanto o soldado a forçava a deitar-se de barriga para baixo, esbracejou, esperneou, mordeu-o e acotovelou-o. Não obstante, o agareno conseguiu imobilizá-la e atar-lhe as mãos com a corda que, premeditadamente, havia trazido consigo. Desesperada, gritou por socorro. De imediato, com a sua mão esquerda, o guarda tapou-lhe a boca e, com a direita, despojou-a das suas vestes, restos do hábito que vestira de manhã, quando lhe haviam chegado os sinais daquele imprevisível alvoroço.

O soldado dominava bem aquela técnica, já usada noutras situações similares. Não demorou muito tempo até lograr despir a clériga e colar-se às suas costas. A jovem sentiu o mundo ruir: tudo aquilo em que acreditara desabava ingloriamente. Não conseguiria sobreviver a tal ultraje: ou morreria durante o ato ou matar-se-ia de seguida. Talvez Jesus não tivesse sido correto para com ela ao dar-lhe tão triste sina, depois de toda a dedicação que lhe votara. Ainda se lembrou das suas últimas palavras na cruz: *“Pai, porque me abandonaste?”* e julgou compreendê-las.

A tímida virilidade do soldado fez-se sentir ainda dentro das suas vestimentas guerreiras.

“É o fim!”, pensou, benzendo-se mentalmente, enquanto era coberta pelos primeiros lampejos do sol minguante que conferiam tonalidades ocres àquele final de dia.

Subitamente, e nada o fazendo prever, todo o corpo do árabe tombou, desamparado, antes de ter conseguido concretizar os seus intentos predadores e sem que Ouroana tivesse plena consciência do que estava a acontecer. O espírito parecia-lhe estar já fora do corpo.

Os seus olhos fitavam as águas límpidas do Sousa que, indiferentes, corriam dolentemente para o Douro. Porém, a sua quietude começava a ser perturbada por uma insólita cena: os peixes fugiam nervosamente de uma mancha vermelha que penetrava no rio, cada vez com mais intensidade. Ouroana ainda julgou estar a sua pureza a ser absorvida pelas cristalinas águas. Mas não! A virgindade desflorada nunca seria suficiente para corar o ribeiro de tanto carmesim. Só então reparou que o guarda, por cima de si, se encontrava completamente inanimado: a mão já não tapava a sua boca e era precisamente das costas daquele corpo que jorrava o líquido que tingia o rio e deixava os peixes em alvoroço. Ele jazia morto e ela permanecia imaculada!

Com dificuldade, conseguiu livrar-se do cadáver do mouro que, de cabeça para baixo, ocupava o lugar onde antes se encontrara o dela. Nas suas costas, bem cravada, luzia a adaga que tão eficazmente o atingira.

– Meu Deus, enviaste o meu anjo protetor! – murmurou, exausta e aliviada, enquanto se recompunha. – Não... não pode ser!... Parece... Parece ele! Terá sido ele quem me salvou?